

Toadas de Bois-Bumbás da Amazônia promovendo a Cidadania Ambiental¹

Vânia Beatriz Vasconcelos de Oliveira²
Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa Rondônia

RESUMO

Neste artigo apresentamos como toadas de bois-bumbás do Amazonas, canções portadoras de um discurso ecológico, podem contribuir para a promoção da cidadania ambiental. O objetivo do estudo foi identificar a colaboração do discurso literário e do discurso científico para a elaboração de um novo discurso, o discurso de educomunicação científica e ambiental. A produção e recepção de duas toadas, na forma de videoclipes, foram realizadas por jovens estudantes de uma escola pública que, por meio de um processo interativo, passaram da condição de consumidor a produtores de informação. No contexto da discussão sobre mídia e cidadania, este trabalho aporta sua contribuição, ao mobilizar jovens para a construção coletiva de um segundo discurso e indicar as possibilidades de uso da música amazônica na sensibilização e incentivo à ação cidadã para minimizar os impactos ambientais na região.

Palavras-chave: divulgação científica; educomunicação; videoclipes ambientais; música amazônica.

1. Introdução

As toadas de bois da Amazônia comunicam conhecimentos, valores e crenças da cultura local e apelam ao engajamento de todos para a conservação dos recursos naturais. A preocupação ecológica é um dos valores pelos quais se orientam as iniciativas de educação para a cidadania, na qual se inclui a educação intercultural. Diante dos problemas e conflitos que caracterizam um mundo em crise ambiental, já amplamente divulgada pela mídia, há um apelo à mobilização global da sociedade para “salvar o Planeta”.

Essa crise, segundo Jacobi (2008: 131) levou a humanidade a uma encruzilhada que pede reflexão: “... *examinar-se para tentar achar novos rumos*”. Os fóruns de discussão sobre o tema buscam socializar as experiências no campo da educomunicação socioambiental e refletir sobre os desafios que o meio ambiente (e as ações cidadãs para a sua conservação/preservação) apresenta para a mídia, para a escola e para as práticas das organizações sociais, como formadoras da consciência ambiental.

¹ Trabalho apresentado no I Seminário Regional da ALAIC – Bacia Amazônica – Belém outubro 2011

² Comunicóloga, Mestre em Extensão Rural, pesquisadora da Embrapa Rondônia.

Mário Kaplún, um expoente da educomunicação que alicerçou as bases de uma metodologia para “fazer educação” através dos meios de comunicação, considera esta uma ferramenta básica para a cidadania e a inserção social (GOBBI, 2006). Diante da constatação de que o desenvolvimento tecnológico criou novos campos de atuação e espaços de convergência de saberes, Soares (2002) afirma que o conceito de educomunicação ganhou fórum de cidadania, quando experiências do campo da educação para comunicação, o uso das tecnologia na educação e a gestão comunicativa, transformam-se em objeto de políticas educacionais, sob a denominação comum de Educomunicação.

Solidariedade, respeito e preservação são palavras-chaves encontradas em definições do que seja cidadania ambiental. (RIBEIRO,2010,sp). Outra palavra que encontramos fortemente vinculada à cidadania é a palavra direito. O direito a um meio ambiente sadio faz parte dos Direitos de Terceira Geração e atribui-se à inteligência humana, a responsabilidade em conduzir as ações de solidariedade na busca de soluções universais. Segundo Norberto Bobbio

a terceira geração dos direitos propugna por um novo enfoque com base em estratégias de prevenção, adaptação e cooperação internacional entre as nações, cabendo à inteligência humana conduzir o processo histórico em benefício de todos. Afinal, os grandes problemas ambientais do mundo atual são globais e como tais exigem soluções universais, marcadas não só pela solidariedade dos ricos para com os pobres do sistema mundial, como pela solidariedade das gerações presentes para com as gerações futuras. (BOBBIO, 1992, p.26)

Resultados de pesquisas do campo da ciência florestal apontam soluções tecnológicas que podem minimizar os impactos, e que precisam ser comunicadas não só aos seus possíveis beneficiários (no caso produtores/ empreendedores rurais/florestais), mas, para toda a sociedade, de modo que de posse dessa informação, façam a sua “leitura do mundo”, tomem suas decisões em relação ao seu agir como cidadão, contribuindo assim para a resolução dos problemas ambientais.

O agir humano é o determinante das mudanças que se espera no comportamento da sociedade. Sob o ponto de vista filosófico, Arendt (1991: 189) nos remete à reflexão quanto ao falar e ao agir que dão visibilidade ao homem, ao afirmar que “... a ação e o discurso são os modos pelos quais os seres humanos se manifestam uns aos outros”. Desta forma, podemos pensar que é a ação “... que vem acompanhada do discurso da fala”, que comunica esse agir ao outro.

Trazendo essa concepção para o contexto da divulgação científica, podemos afirmar que tão importante quanto conhecer o pensamento dos estudiosos do campo da comunicação a respeito da atividade de divulgação científica, é compreender a razão pela qual se deve divulgar a ciência, assim como identificar formas de fazê-la, de modo a alcançar os objetivos de despertar o interesse dos jovens, dar satisfação à sociedade e promover a cidadania, três exemplos de argumentos que muito frequentemente tem justificado a importância da atividade.

O presente trabalho, trata-se de um recorte de uma pesquisa mais ampla sobre interações dialógicas dos sujeitos do discurso científico (da pesquisa florestal) e do discurso literário (presente nas letras das músicas), problematizando a possibilidade de sensibilizar jovens estudantes de escola pública urbana, para a construção de um segundo discurso, sendo este destinado à educação científica e ambiental.

Os dados deste estudo, tem origem em atividades desenvolvidas em 2007-2008, pelo projeto Com.Ciência Florestal, com o objetivo de divulgação científica da pesquisa florestal, coordenado pela Embrapa Rondônia. As informações foram obtidas em dois momentos: (1) de elaboração coletiva dos videocliques ambientais em oficina e (2) de recepção em sala de aula. Ambos os momentos envolveram a participação de alunos e professores do ensino fundamental da escola Marcelo Cândia, em Porto Velho.

Desta forma, procedemos análises sobre a Oficina, enquanto lugar do “contrato de comunicação” onde se processaram as discussões que permitiram identificar as concepções dos alunos e professores a respeito de práticas ambientais. Ressalta-se a relevância científica da contribuição para as pesquisas em educomunicação e como contribuição social, a valorização e o reconhecimento da cultura musical amazônica.

Música é informação!

Com base nos conceitos de *canção das mídias*³, formulados por R. Murray Schafer e Paul Zumthor, autores dedicados a estudos na área de música e comunicação, Valente (2005) afirma:

³ “...o advento das mídias deu origem a um filão musical, de extrema força na vida cotidiana, capaz de determinar hábitos e gostos: a canção das mídias, que passa a figurar como uma música entre as músicas;...” (VALENTE,2005, p.100)

Toda música é um complexo que resulta da cultura à qual esta inserida. Assim, toda música está referenciada à história, aos dados sociopolítico-estéticos, entre outros. Sendo assim, ressaltamos desde já: a música é informação (VALENTE,2005:91).

Musicista, educadora e pesquisadora da UNESP, Sekeff (2007) dedicou-se a estudar os impactos da música sobre os seres humanos, conjugando enfoques filosóficos, científicos e poéticos. Em suas reflexões sobre música e educação, ela critica a escola por privilegiar o português e a matemática e deixar de lado a sua interface musical “... *universo de função poética, da metalinguística, da pluralidade e da densidade semântica*”. Levando em conta que referidas disciplinas ensinam linguagens, a autora diz não poder deixar de refletir que música também é linguagem (não verbal), o que significa dizer que ela constitui condição de conhecimento e de ordenação do pensamento.

Considerando que a abordagem cognitiva do ensino preocupa-se em como se dá o aprendizado, Sekeff (, *op.cit. p.146*), assim situa a necessidade do uso da música como ferramenta auxiliar do processo educacional escolar:

[...] é particularmente aqui que a educação remete à necessidade de que o educando conheça e vivencie essa linguagem não-verbal, numa espécie de filosofia que, envolvendo sua auto-imagem e sua visão de mundo, proporciona-lhe meios para lidar de maneira mais eficaz com a realidade e segura consigo mesmo.

A autora aponta algumas razões pelas quais a música adquire importância no processo educacional: a) a música alimenta de forma privilegiada a imaginação, faculdade que responde pelo alto índice de multisignificação de sua linguagem; b) a música nutre a sensibilidade, inteligência e vontade do educando, no sentido de uma integração de valores existenciais, indo assim muito além da mera informação sobre diferentes formas de conhecimento teórico e prático. (SEKEFF, *op. cit.*, p.148).

A iniciativa de introdução da música amazônica no processo educacional leva em conta o entendimento da relação homem/ambiente numa perspectiva intercultural dos discursos de músicos da Amazônia como detentores de um saber local. As toadas de bois do Amazonas, são fortemente vinculadas aos seus interpretes, e embora circunscritas ao evento Festival Folclórico de Parintins, tem ganhado projeção através principalmente da mídia televisiva, que tem recentemente feito cobertura ao vivo do evento.

Música amazônica , produto cultural

A riqueza musical da região amazônica é praticamente desconhecida ou mesmo ignorada, como se depreende do artigo de GOES (2009), que ao abordar o uso da música popular urbana no ensino, faz amplo resgate histórico da música popular no País desde o Império, porém a única menção à região Norte é feita de forma equivocada ao associar ritmos nortista e nordestino, como se fossem únicos.

A valorização e difusão da cultura local também é pouco incentivada, restando praticamente desconhecidos nomes como os dos maestros do Pará: Waldemar Henrique, pianista, escritor e compositor paraense, que desde a adolescência, viajou pelo interior da Amazônia, mantendo contato com os elementos da cultura e do folclore amazônicos que viriam a ser característicos de sua obra musical; e Adelermo Matos, artista que dedicou sua vida ao estudo da música e do folclore paraense, viajou pelos rios da Amazônia se misturando às comunidades, vivenciando a musicalidade e a dança do povo por onde passava, movido pelo ideal de preservação da identidade cultural do povo brasileiro, e a riqueza musical da região amazônica. (CASTRO, 2001).

Manifestação folclórica verificada em todas as regiões do País, os bois-bumbás se constituem em uma forma tradicional de teatro popular no qual pequenos grupos de brincantes encenavam trama baseada na lenda da morte e ressurreição de um boi. Em Parintins, a dramatização desta lenda permanece, mas observam-se mudanças, com uma crescente ênfase na cultura indígena, sobretudo a partir de 1965 com a criação do Festival Folclórico de Parintins.

Segundo Cavalcanti (2000), em 1995, foi criado um novo quesito, o ‘ritual’, cuja encenação, estrelada pelo ‘Pajé’, é atualmente o apogeu de cada noite da apresentação. O auto da morte e ressurreição do boi expandiu-se. O Bumbá de Parintins abriu-se, incorporando em sua narrativa o universo mítico regional, a moderna bandeira ecológica, e elaborando um novo indianismo (CAVALCANTI, 2000, p.1037)

A toada (letra e música) é um dos 22 quesitos em julgamento na apresentação dos bois, elas têm o papel de acompanhar os rituais que compõem a dramatização que é apresentada nas três noites que dura o Festival, que reúne milhares de pessoas em torno da disputa dos bois Caprichoso e Garantido.

Música na sensibilização para questões ambientais

O uso da música com fins de sensibilização para as questões ambientais é verificado na educação formal e não-formal.

Em estudo sobre as representações sociais sobre o meio ambiente, no contexto de uma exposição científica, Nunes (2005) conclui que “... a música possui uma influência nos elementos de centralidade da idéia de meio ambiente dos visitantes, reforçando o conteúdo explorado na exposição.” OLIVEIRA et al., 2009, apresentaram uma proposta (Ciência Cantada) de utilização de músicas populares, que tratam de temas científicos, como recurso didático para articular diferentes saberes com temas ambientais.

A análise das letras de canções populares que tratam de temas científicos quando utilizada em sala de aula como um recurso didático é considerada uma estratégia que motiva os jovens e que pode ser utilizado de forma interdisciplinar, como foi abordado por Matos citado por Moreira & Massarani (2006).

Na educação não-formal, a música também tem sido freqüentemente empregada como recurso de aprendizagem, recreação, sensibilização. Com este propósito, temos elaborado dinâmicas para tratar de questões ambientais aplicando-as em atividades de educação ambiental, utilizando músicas de artistas da região amazônica. Para promover a participação dos atores sociais locais no processo de gestão dos recursos naturais em comunidades ribeirinhas do Rio Madeira (Porto Velho-RO), desenvolveu estratégias de comunicação e educação, visando a construção de conhecimento sobre a realidade local e a gestão concertada dos recursos naturais, dentre elas as oficinas como espaço de comunicação e as músicas populares empregadas nos eventos de sensibilização e capacitação dos agricultores familiares. OLIVEIRA (2006).

Na execução do projeto Com.Ciência florestal, inseriu-se na utilização das toadas dos bois-bumbás de Parintins (AM) selecionadas a partir da temática da divulgação científica e tendo os compositores das canções como enunciadores do discurso ambiental, que têm em comum a vivência amazônica no seu cotidiano. (OLIVEIRA, 2010).

As músicas “Água” e “Amazônia Cabocla” são toadas (letra e música) dos Bois Garantido e Caprichoso respectivamente, lançadas por ocasião do 37º Festival Folclórico de Parintins, no Amazonas, em 2002, ano em que o Brasil pela segunda vez sediava a Conferência do Meio Ambiente da ONU (Rio-92 + 10). Em suas toadas, os Bois propunham o

engajamento de todos na construção de um modelo de consumo sustentável dos recursos naturais, que se refletem nas referidas canções, a primeira enfocando os recursos hídricos e a segunda os recursos florestais (as queimadas e degradação do solo).

2. REFERENCIAL TEÓRICO E MÉTODOLÓGICO

O contexto do estudo situa-se no cotidiano da Escola Marcelo Cândia em Porto Velho, RO, fundada em 28 de março de 1998. A instituição atende uma clientela de 1.375 alunos do Ensino Fundamental e Médio, oriundos do próprio bairro e entorno, oferecendo Educação Básica, nos níveis de Ensino Fundamental e Médio; e é mantida pela Associação Beneficente Casa de Saúde Santa Marcelina. Desde 2008 a escola desenvolve um projeto de Educomunicação tendo criado um blog <<http://www.escolamcpv.blogspot.com>> para a divulgação das atividades educacionais.

A metodologia de produção coletiva de vídeos ambientais, aplicada experimentalmente em Oficina realizada na escola, em maio de 2008, constitui-se de três elementos: (1) a Oficina como espaço de comunicação; (2) a música amazônica como fornecedora de sentido para o discurso ambiental e; (3) a percepção ambiental dos atores sociais envolvidos na produção dos vídeos. Participaram da Oficina cinco professores e 50 alunos, de 15 a 21 anos. Os procedimentos metodológicos consistiram em ampla discussão e análise textual das letras de nove músicas e seleção de quatro que, na visão dos participantes, mais apresentavam argumentos favoráveis à sensibilização do público leigo, em especial os jovens.

O pressuposto que orienta a proposta metodológica é de que a inter-relação entre Comunicação e Educação Científica, pode proporcionar a geração de produtos para a divulgação científica, popularização da ciência e educação ambiental, no espaço escolar formal e não-formal; sensibilizando, conscientizando e promovendo a inclusão social e a cidadania.

O conteúdo da oficina foi planejado em dois módulos com abordagens teóricas e práticas. A programação foi desenvolvida em 8h aula. A seleção das músicas pelos oficinairos ocorreu a partir de um elenco de possibilidades oferecidas pela coordenação da Oficina. Foi nesse contexto que dentre nove músicas analisadas, todas com abordagem de questões ambientais e a maioria de artistas da região amazônica. Após a audição, análise textual

(decomposição do texto) e interpretação (reflexão, síntese), foram selecionadas pelos participantes da oficina quatro músicas para a criação dos videoclipes, dentre elas, as duas toadas foram selecionadas para a produção de videoclipes. (Quadro 1).

Quadro 1 - Músicas analisadas, por artistas e UF de origem dos artistas

NOME DA MÚSICA	AUTOR(ES)/INTERPRETE(S)	UF
1- Águas	(Eder Lima, Marlon Brandão /Claudir Teixeira) In: Garantido 2002	AM
2- Amazônia Cabocla	(César Moraes) In: Caprichoso 2002.	AM

A aproximação da realidade foi planejada a partir da utilização da observação participante que consiste em “um contato direto do pesquisador com o fenômeno observado em seus próprios contextos” (MINAYO, 1994, p. 59). No que diz respeito a análise do discurso como metodologia, estudos de autores como Baccega (1998 e 2007) que a entende (a metodologia) como a “postura filosófica que o orienta” e considera primordial – nos estudos sobre relação entre discursos – conhecer o processo pelo qual nos acercamos desses discursos. Processo este que “... envolve o sujeito e o objeto, mediados pela palavra, buscando o conhecimento de um universo pleno de palavras” (BACCEGA, 2007, p. 9). Para que a comunicação se efetive a autora considera ser necessários: “o discurso (na enunciação manifesta, parte da formação discursiva), a subjetividade (a constituição do sujeito enunciador/enunciatário) e o contexto (formação ideológica/ formação social)”.

Os discursos dos atores sociais envolvidos na produção dos videoclipes, representam a totalidade das questões endereçadas à realidade observada, qual seja o processo de recepção, interpretação e reformulação dos discursos científico, literário/poético visando a vulgarização científica e a educação ambiental, num dado contexto sócio-histórico (de degradação ambiental) e diante de um “contrato de comunicação”.

Contrato aqui se refere à concepção de “parceiros em interação co-construindo o sentido”. Esta noção é encontrada na hipótese de “dialogismo” de Bakhtin, que afirma que nunca se fala sem o já-dito. (CHARAUDEAU & MAINGUENEAU, 2008 : 130). O contexto desta observação é a interação de sujeitos (ora enunciadores/ locutores, ora enunciatários/receptores) para a produção social de sentido, que vem a ser a comunicação que se quer efetivar por meio da enunciação manifesta nos videoclipes.

O lugar onde ocorre essa inter-relação é a Oficina, a sala de aula, que por sua dinâmica interlocutiva é um lugar que permite se chegar à compreensão do que ocorre nesse espaço de interação social, através do uso da linguagem. Situação que encontra referência em Bakhtin, quando concebe a enunciação como “... produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados, mesmo que o interlocutor seja uma virtualidade representativa da comunidade na qual está inserido o locutor...” (FLORES & TEIXEIRA, 2005:49).

Para a análise textual da letra das músicas os procedimentos tomam por modelo o trabalho desenvolvido por Telles (2009) para quem a *análise* e a *interpretação* são os dois momentos fundamentais do estudo do texto.

a análise de um poema pressupõe dois movimentos: **desmontagem** do texto , que seria a análise propriamente dita e a sua **articulação**, em torno de um princípio configurador, ou seja, um tema capaz de explicar o sentido da construção desse texto. (Telles, 2009:81)⁴

Na educação, os modelos de análise de discurso preconizam, o “sentir e o pensar” como premissas do conhecimento privilegiadas pelos pesquisadores, assim como pedagogias que incorporam estratégias cognitivas, artísticas e musicais:

[...] a prática da música não só fornece condições para a compreensão e expressão de um fluxo de idéias e emoções, como permite que os educandos operem semióticas que resultem em sentido para suas vidas. (SEKEFF, 2007, p.128)

Tomou-se como princípio orientador as questões que sintetizaram o problema de pesquisa do projeto Com.Ciência Florestal: “O que a ciência faz e o que a sociedade pode fazer para minimizar os impactos ambientais sobre as florestas naturais?”. A resposta está relacionada por um lado com a divulgação científica (respondendo a questão o que faz a Ciência) e por outro lado, com a percepção ambiental/ sensibilização da Sociedade, representada neste caso, pelos participantes da Oficina.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1. Análise textual

⁴

Grifos da autora

Apresentamos alguns elementos da análise textual, as tensões e emoções no discurso ambiental da música amazônica, processada nas duas toadas, cuja força de suas mensagens estão expressas nos refrões. Quadro 2.

Dentre as características dos poemas observa-se o predomínio do gênero literário narrativo. Há um EU narrador, observador das mudanças na paisagem natural e preocupado com o futuro do planeta Terra, ferido pela ação antrópica do homem “*O homem a polui...*” (M1) e que lança apelos, “... vem navegar...” (M1) , “clamando por preservação”(M1) a um EU coletivo, principalmente aos jovens, “a nova geração”: “Não deixem o meu rio morrer..não deixem este chão virar deserto.”(M2). Ao mesmo tempo faz chamamento a ação cidadã, sendo imperativo: eu quero, não deixem, não se omita : “.. e garantir ao mundo inteiro que devemos preservar” (M1). Ao revelar esses quereres, as canções estão denunciando “ o que a sociedade faz” e que não deveria fazer: se omitir, apenas parecer preocupada.

Os personagens das narrativas apresentam referências distintas, humanos e não-humanos: Remador, nativo, filhos do sol, herdeiros do chão ribeirinho, moço, filhos e filhas, ancestrais, pajé, caboclo. Mãe natureza, mata virgem, beija-flor, deus Tupã. Passado x presente, Degradação x Conservação , Eterno x finito, Vida x morte, Universal x regional, foram tensões dos poemas observadas em pares contraditórios que expressam a luta pela sobrevivência do homem, seja do ribeirinho, que depende “desse chão e desse rio” (M2), e só sobrevive “...se beber da água/ Desse grande rio que nos alimenta..”(M1); seja do homem brasileiro urbano, cuja percepção ambiental até pouco tempo ainda era a de que os problemas ambientais (tsunamis, terremotos, derretimento das geleiras , etc) só ocorriam e atingiam “o outro lado do mundo”; um problema que não lhes pertence.

A presença e a falta de amor a vida, ao Planeta esta expresso nas canções, que apontam a ausência como a causa da degradação ambiental: “ ...entre o verde e o caboclo, um caso de amor caprichoso” (M2); que faz com que o mundo esteja perdido em um tempo que é breve e vaticina a ameaça à sobrevivência humana.

3.2. Percepção Ambiental dos Sujeitos do Discurso

A percepção ambiental de um indivíduo ou comunidade está diretamente relacionada com a forma de se relacionar com as questões ambientais. “Os estudos das percepções ambientais dos homens de hoje constituem a última e decisiva fronteira no processo de uma gestão mais eficiente e harmoniosa do ambiente”. (AMORIM FILHO, 2002).

Quadro 2. Discurso Literário das músicas ‘Água’ e “Amazônia Cabocla”⁵

M1- “Água”	M2- “Amazônia Cabocla”
Do ventre da terra nasceu cristalina A fonte de vida que banha a menina Que mata a sede molha os campos Que corre nas veias quebrando os barrancos	Vai o remador/ Ligeiro do rio Clamando a mãe natureza / Trazendo expressão de incerteza no olhar ah/ A mata virgem que secou / <i>Nem o nativo resistiu</i>
O homem a polui agredindo a alma de seus ribeirinhos / Correm lágrimas na Amazônia Clamando por preservação	E os filhos do sol / Herdeiros do chão / Sem pátria aproam no rumo do nada/ E se afogam num mar de lágrimas / Entristeceram deus Tupã / Até o luar do céu sumiu
Refrão: Vem navegar as águas doces do mais belo rio-mar / E garantir ao mundo inteiro que devemos preservar	Vai um beija-flor / Errante no céu / Perdido no tempo na sua canoa / Lança o ribeirinho o seu cantar ah ah / Olha seu moço o meu pão/ Vem desse chão e desse rio
Criação do grande criador / Força divina de raro esplendor / Vem saciar a sede dos aflitos Molhar a terra que o calor secou	Deixe a lua de prata / Descansa seus raios/ No verde das matas/ No fio dessas águas/ Lagos e campinas/ E aningas ah ah/ Deixa viver minha nação / Só preservar sem destruir
Só sobrevivo se beber da água Desse grande rio que nos alimenta Eu sou caboclo sou um ribeirinho Parintinsense Amazônida	Refrão: Amazônia, Amazônia / Minha vida minha insônia Não pode ser pó de queimadas / Sussurra o murmúrio das águas/ Amazonas, Amazonas / Minha rua minha infância Encontro de todas as raças De vento adoçado e cascatas
Vem navegar as águas doce do mais belo rio-mar E garantir ao mundo inteiro que devemos preservar	Mas o caboclo é forte valente e guerreiro / Defende a selva do qual aprendeu ser amante / Entre o verde e o caboclo/ Um caso de amor caprichoso
.	DECLAMADO: Meus filhos e filhas / Não deixem meu rio morrer / E nem a verde mata queimar O reflexo nessa água límpida E esse lindo manto verde Contam os eventos e as recordações Da vida do meu povo Eu só quero um lugar/ Onde eu possa ouvir a voz solitária do vento/ E a conversa dos sapos / Em volta de um brejo Já não posso mais falar/ Minha voz já não se ouve/ E peço a nova geração que honre a memória de seus ancestrais Não deixem meu rio morrer / Não deixem o verde queimar / Não deixem o meu chão virar deserto.

⁵ Grifos da autora

Todos os participantes responderam ao questionário aplicado antes do início da Oficina com o objetivo de conhecer o ambiente em que vivem e suas percepções em relação aos problemas ambientais relacionados à Amazônia, uma vez que as orientações seriam para que os vídeos elaborados abordassem a temática ambiental, com enfoque para o reflorestamento e conscientização sobre a conservação da floresta amazônica. Reflorestamento e recuperação (de áreas degradadas) eram as palavras-chaves do discurso de divulgação científica.

Aqui discutimos apenas os dados referentes aos 50 alunos – sendo 30 meninas e 20 meninos, na faixa etária de 15 a 18 anos – uma vez que o que interessa neste caso é a percepção dos jovens, enquanto sujeitos da interpretação e elaboração de um novo discurso, dirigido a jovens.

Dos dados do perfil socioeconômico obtiveram-se informações de que os jovens moram no bairro da escola (Marco Freire) e em nove bairros periféricos do seu entorno. A maioria (94%) mora com os pais em grupos familiares que alcançam até 11 membros; e (92%) disseram ter árvores de espécie frutífera em suas casas. Apenas 12% dos entrevistados trabalham fora.

As informações sobre as preferências musicais do grupo foram discutidas no início do processamento da mensagem das músicas, visando introduzir a discussão sobre a aceitação da música amazônica/regional/local. Verificou-se que a maioria disse não conhecer nenhum artista da região. Entre os que disseram conhecer, foram citados os cantores Bado, Valdinei Resky, Túlio Nunes e Luan Maia, o mais citado, que também é radialista e comanda um programa de grande audiência junto ao público jovem.

Dentre as nove músicas apresentadas apenas “Matança” e a música “Não deixe secar o coração” do Grupo Minhas Raízes eram conhecidas por algum dos participantes. A primeira por ter sido gravada por artistas conhecidos nacionalmente através da mídia e a segunda por ter sido trabalhada por alunos do grupo de dança da escola.

Em relação ao problema do desmatamento na Amazônia os alunos se pronunciaram em duas linhas de solução, uma que pede fiscalização, punição e outra que apela para a responsabilidade social: cuidar, preservar, respeitar. Esta percepção foi extraída da questão final do questionário quando foi lançado o desafio: “Escreva uma frase sobre como você acha que pode ser resolvido o problema do desmatamento na Amazônia”.

4. Considerações e Recomendações Finais

Neste artigo abordamos o uso de toadas de bois amazônicos em videocliques ambientais como uma ferramenta de educação científica e ambiental. Ferramenta esta, elaborada dentro de um processo de produção coletiva, tendo a Oficina como o lugar do “contrato de comunicação” onde se processaram as discussões que permitiram analisar as concepções dos alunos e professores a respeito de práticas ambientais e a construção de um novo discurso. Destacamos os dados referentes à interpretação do discurso literário das músicas que serviram de roteiro para os videocliques. Os procedimentos se dão em dois momentos, o primeiro, o de criação dos videocliques (Oficina realizada em 2008) e o segundo de recepção em sala de aula (em 2010).

A Oficina de Produção de Videoclipes Ambientais em sua formatação como metodologia educacional socioambiental é concebida como o espaço onde ocorre a recepção e interpretação do discurso literário/poético visando a vulgarização científica e a educação ambiental, no contexto sócio-histórico de mobilização da sociedade para a “ação cidadã” em razão da degradação ambiental.

O potencial da Oficina como proposta metodológica é todo o processo que envolve a produção da informação a ser veiculada. O experimento como processado, colabora para algo que já vem sendo demonstrado na observação e estudo de práticas de construção coletiva de textos e de produtos de mídia, em espaço de educação, seja de nível médio e superior; a de que sala de aula/ laboratório de comunicação se constituem em espaço singular onde professores e alunos assumem seus lugares enquanto falantes da língua materna, realizando interações significativas e produtoras de sentidos através da linguagem.

Há incrementos e correções a serem feitas nos procedimentos. Correções, sobretudo em relação ao tempo de realização da Oficina, que neste caso foi realizada como uma atividade extra-classe. Incremento em relação a incentivar a própria criação musical dos alunos, despertando e valorizando talentos locais, e que pode contornar problema em relação aos direitos autorais. Neste experimento, dos quatro videocliques finalizados, um deles, em razão da negativa de cessão de direitos autorais, não pode ser divulgado publicamente.

Foram sistematizadas informações que contribuem para a validação da produção e uso de videocliques com música amazônica como recurso didático de educação científica e ambiental na educação formal. Embora a classe artística também venha assumindo o desafio

de trazer a temática ambiental para suas manifestações artísticas, seja no cinema, teatro, na música, etc. Faz-se necessário estudos nesta linha, para verificar adequação da mensagem, na maioria das vezes construída sem grandes questionamentos sobre as questões técnicas, a exemplo da distinção que a academia faz, entre preservação e conservação.

Além disso, cabe-nos apontar outras possibilidades de uso que não seja na educação formal, como já vem sendo feito experimentalmente, recomenda-se a realização de oficinas de produção de vídeo em eventos, Conferências e Fóruns envolvendo a temática juventude e meio ambiente, bem como na capacitação de educadores ambientais e estudantes de comunicação social, interessados em exercer a comunicação científica. No contexto da discussão dos novos rumos da arte e cultura na Amazônia, este trabalho, ao indicar as possibilidades de uso das toadas de bois-bumbás da Amazônia, portadoras de uma informação que visa a sensibilização e incentivo à ação cidadã sobre as questões ambientais

5. Referências

- AMORIM FILHO, O.B. Os estudos da percepção como a última fronteira da gestão ambiental. In: SIMPÓSIO SITUAÇÃO AMBIENTAL E QUALIDADE DE VIDA NA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE E MINAS GERAIS, 2, 1992, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Associação Brasileira de Geologia de Engenharia, 2002. p. 16-20.
- ARENDDT, Hannah. *A Condição Humana*, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- BACCEGA, Maria Aparecida. **Comunicação e linguagem**: discursos e ciência. São Paulo: Moderna, 1998.
- BACCEGA, Maria Aparecida. **Palavra e discurso**: história e literatura. São Paulo: Ática, 2007.
- BOBBIO, Norberto, *Era dos Direitos*. Rio de Janeiro: Campus, 1992.
- CASTRO, A.P.P. *Maestro Adelermo Matos: música na mata*. Belém: Prefeitura de Belém, 2001.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. Fabiana Komesu. (Coord. da Tradução). 1.ed., 1a. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.
- FLORES, V. N.; TEIXEIRA, M. *Introdução à Linguística da Enunciação*, São Paulo: Contexto, 2005.
- GOBBI, Maria Cristina. Um homem além de seu tempo. In: MELO, J.M.; MELO, M.A.F.; SANTOS NETO, E.; GOBBI, M.C. (Orgs.). *Educomídia, alavanca da cidadania: o legado utópico de Mário Kaplún*. Universitária Metodista, 2006.
- GOES, F. No beabá da canção: ensino e música popular. Disponível em: <<http://www.repom.ufsc.br/repom3/goes.htm>>. Acesso em: 5 ago. 2009.

JACOBI, Pedro Roberto. **Educação, meio ambiente e cultura - transformando as práticas** (131 a 142). In: Linguagens Plurais: cultura e meio ambiente. (Themis Gomes Parente e Hilda Gomes Dutra Magalhães (Orgs.) Bauru:SP, EDUSC, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

MOREIRA, I.C.; MASSARANI, L. (En)canto científico: temas de ciência em letras da música popular brasileira. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v. 13, p. 291-307, 2006.

NUNES, Talita Rodrigues. A influência da música sobre as representações sociais de meio ambiente no contexto de uma exposição científica. Revista MultiCiência, Unicamp, maio 2004.

OLIVEIRA, Vânia Beatriz Vasconcelos. Estratégias de comunicação na facilitação de processo de gestão ambiental em comunidades ribeirinhas do Rio Madeira, Porto Velho – Rondônia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29, 2006, Brasília, Anais... São Paulo: INTERCOM, 2006. CD-ROM.

OLIVEIRA, Vânia Beatriz Vasconcelos. O uso de música na educação de agricultores familiares para gestão ambiental. In: ENCONTRO RONDONIENSE DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL, 1, 2007, Porto Velho, Anais... Porto Velho: CIEARO, 2007. CD-ROM.

OLIVEIRA, Vânia Beatriz Vasconcelos. **Comunicação e educação para a popularização da ciência florestal**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 32., 2009, Curitiba, Anais... São Paulo: INTERCOM, 2009. CD-ROM.

OLIVEIRA, Vânia Beatriz Vasconcelos. **Uso de música amazônica na educomunicação científica e ambiental**: produção e interpretação de videocliques por alunos da Escola Marcelo Cândia, Porto Velho-RO. 90F - **Monografia** (Graduação) - Curso de Comunicação Social - Jornalismo, Faculdade Interamericana de Porto Velho - UNIRON, Porto Velho. 2010.

RIBEIRO, Roseli. **O sentido e o alcance da cidadania ambiental**. In: <http://www.observatorioeco.com.br/o-sentido-e-alcance-da-cidadania-ambiental/> maio, 2010.

SEKEFF, Maria de Lourdes. **Da música: seus usos e recursos**. São Paulo: Pontes, 2007.

SOARES, I. Gestão comunicativa da educação: caminhos da educomunicação. Revista Comunicação e Educação, ano 7, p. 16-25, 2002.

TELLES, Tereza. **Chico Buarque na sala de aula**: leitura, interpretação e produção de textos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.150 p.

VALENTE, Heloisa de Araújo Duarte. Música é informação: música e mídia a partir dos conceitos de R.Murray Schafer e Paul Zumthor. (89-106). In: **Discursos simbólicos da mídia**. Rafael Souza Silva (org). Edições Loyola: São Paulo, Brasil, 2005.